

Este número especial de **Geograficidade** é composto por produções de participantes do seminário “Eu quero botar meu corpo na rua: arte pública entre espaços, poesia e resistência”, organizado pela “quandonde intervenções urbanas em arte” (grupo prático-teórico de pesquisa e atuação artística, vinculado à Faculdade de Artes da Universidade Estadual do Paraná) e pelo LATECRE (Laboratório Território, Cultura e Representação, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná). O evento reuniu artistas, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas, que se encontraram para debater suas inquietações, processos e experiências na busca de diálogos para além das fronteiras/caixinhas do saber, plurais e criativos, capazes de questionar formas e estruturas e, assim, promover transformações socioespaciais significativas.

Este número especial da Geograficidade é composto por produções de participantes do seminário “Eu quero botar meu corpo na rua: arte pública entre espaços, poesia e resistência”, organizado pela “quandonde intervenções urbanas em arte” (grupo prático-teórico de pesquisa e atuação artística, vinculado à Faculdade de Artes da Universidade Estadual do Paraná) e pelo LATECRE (Laboratório Território, Cultura e Representação, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná). O evento reuniu artistas, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas, que se encontraram para debater suas inquietações, processos e experiências na busca de diálogos para além das fronteiras/caixinhas do saber, plurais e criativos, capazes de questionar formas e estruturas e, assim, promover transformações socioespaciais significativas.

Abrimos este número com o ensaio de Ana Tereza Reis da **Silva** intitulado “‘Aterror’: formas de coabitar para adiar o fim do mundo”, trabalho que apresenta suas reflexões sobre formas de coabitar a terra na emergência do Antropoceno, tendo suas memórias de infância no estado do Pará como base. Com preocupação semelhante, em “A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com” Thallyta **Piovezan** reflete sobre sua prática artística e explora o conceito de coexistencializar, por ela elaborado, para se pensar nas relações que os humanos estabelecem entre si e com os ecossistemas.

Isabela **Frade** relata as experimentações realizadas por um grupo de artistas na favela da Mangueira, na capital fluminense, em “O corpo coletivo na rua ajardinada – dimensões políticas e estéticas em estado de ‘pracialidade’”. As ações, que possibilitaram experiências estéticas pautadas na resolução de problemas que envolviam a comunidade, resultaram na criação de um Jardim público com mobiliário urbano produzido nas ações, o que tornou possível novas formas de sociabilidade e de vivências no local.

Com “Corpos brincantes, caminhada festiva e outras inventações possíveis na Festa de São Marçal em São Luís, MA”, Danielle **Souza** nos leva à Festa de São Marçal em São Luís, no Maranhão, com um texto que discute a participação dos corpos dos seus brincantes na composição da paisagem festiva a partir de uma atmosfera afetiva que se constrói no caminhar.

Situadas em outra capital brasileira, a cidade de Florianópolis, as ações do ERRO Grupo são problematizadas por suas integrantes, Luana **Raiter** e Sarah **Ferreira**, em “Feitiços no urbano: contra-coreografias, ambiguidades e mandingas”. As autoras apresentam os conceitos orientadores do grupo na pesquisa e elaboração de intervenções artísticas no espaço urbano; ações artísticas que buscam criar espaços sensíveis condutores da reflexão acerca de questões políticas que envolvam as pessoas em seu cotidiano. O texto apresenta ainda, de maneira crítica, a realização da obra teatral “Jogo da Guerra” na capital catarinense, quando puderam teatralizar, juntamente ao público, a crítica às estruturas de poder vigentes que afetavam diretamente a vida.

Em “Narrativas andançantes: caminhar como prática de encantamento”, Juliana **Liconti** nos presenteia com suas narrativas poéticas e reflexões a respeito do processo de concepção da instalação artística “Andaçar”, de sua autoria, e o compartilhamento desta com o público. No artigo, a autora fundamenta suas ideias a partir de conceitos que guiam sua prática, sobretudo no que diz respeito às errâncias urbanas incorporadas ao seu trabalho e discute como estas produções artísticas buscam evidenciar os modos operativos hegemônicos praticados no espaço urbano.

Também com um olhar voltado à sua pesquisa e prática artística, uma prática que envolve o pedalar, em “percursos artísticos-geográficos: há muitas histórias para se contar e cartografar” Cadu Cinelli (Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de **Campos**) nos leva a refletir sobre o corpo que narra enquanto vive a experiência espacial. Expõe, dessa maneira, os caminhos que o levaram à pesquisa que realiza na interface da geografia com a arte e como, desse trabalho, tem sido possível compreender as cartografias dos ciclo-entregadores e desvelar as geografias vividas por essas pessoas que ganham seu sustento tendo a bicicleta como principal meio.

No texto “C’est La Vie de Nicolas Janssens: a (recusa da) nacionalidade belga como princípio artístico em intervenção urbana”, Diego **Baffi** problematiza sua vivência na Bélgica nos anos de 2017 e 2018, e relata, em um ensaio multiplataforma, seu processo de pesquisa na criação e execução de uma performance duracional urbana que levantou elementos históricos e culturais da nacionalidade belga para a vivência de uma falsa identidade, capaz de questionar ações cotidianas do que lhe foi apresentado como “belga padrão”.

O artigo que finaliza este número especial, “Performance Flores para Pietá – interrupção do fluxo normativo nos territórios sacros. Relato de experiências”, assinado por Ivone Maria Xavier de Amorim **Almeida** e Raphael Andrade **Rocha**, trata da performance realizada pelo segundo autor em diferentes localidades sagradas: em Portugal, Roma,

Vaticano, na cidade de Belém do Pará e em São Paulo. A autora e o autor apresentam as bases teóricas que alicerçaram a construção do trabalho artístico e as reflexões contidas no texto, e problematizam um dos resultados da realização da performance que foi a recorrência da reprovação ao “corpo homossexual” em territórios sagrados do catolicismo.

Este número especial conta ainda com cinco experimentações artísticas, começando por “Quando eu acordar, lembre-me de que não deveria ter dormido”, de Tânia **Bloomfield**, seguido por “Anotações peripatéticas”, de Carminda Mendes **André**, “Turista é a nômade de costas largas”, assinada por Helena Stürmer, “O tempo da resistência: arte popular e enfrentamentos” de Elizia Cristina **Ferreira** e, por fim, “ECOMANIFESTOARTÍSTICOAMBIENTAL - Vamos invadir a cidade com arte: táticas para sobreviver em tempos de guerra(s)”, de Janice Martins **Appel**.

Esperamos que estes trabalhos contribuam com a transformação do espaço-tempo da leitura de cada um de vocês, de modo a sugerir ideias-ações que promovam mudanças significativas para um espaço em devir que acolha as multiplicidades de existência. Boa leitura!

*Marcos Torres
Diego Baffi
Editores convidados*